



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1101

A APRENDIZAGEM HISTÓRICA PENSADA A PARTIR DO USO DE FONTES EM SALA DE AULA

Ana Paula Rodrigues Carvalho

UEL – PPG História Social/ CAPES

RESUMO: Este trabalho propõe como tema analisar de que forma ocorre a aprendizagem histórica nos alunos a partir do uso da fonte, o jornal fascista, *La Provincia di Bolzano* em sala de aula por meio da categorização das narrativas produzidas. A pesquisa será realizada com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de duas escolas Estaduais da cidade de Guarapuava/Pr. A partir da problematização do jornal em sala de aula serão trabalhados o conteúdo substantivo fascismo e os conceitos de segunda ordem evidência e empatia. A utilização de trechos do jornal será útil para que os alunos percebam as evidências presentes nesta fonte e tracem vínculos de empatia com as pessoas que viveram na cidade de Bolzano e que passaram pelo processo de *italianizzazione*. Esta análise será possível, pois a partir da sequência didática trabalhada em sala de aula os alunos produzirão narrativas sobre o conteúdo substantivo: fascismo. O intuito de analisar a narrativa produzida pelos alunos consiste em perceber como ocorre a aprendizagem histórica fruto do pensamento histórico desenvolvido com o auxílio de uma fonte. Sabe-se que não existe uma metodologia única e eficiente para que ocorra uma aprendizagem de qualidade. Todavia, espera-se que este projeto possa explicitar e pensar as possibilidades necessárias para que as aulas se tornem realmente um lugar de interação dialógica que possibilite o desenvolvimento de uma consciência genético - crítica que comporta a autonomia dos alunos como cidadãos conscientes do seu papel de sujeitos históricos na sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Aprendizagem histórica, Ensino de História, Jornal, Fascismo.

Introdução

A década de 1980 foi prolífica quanto à elaboração de novas propostas de como ensinar. Segundo Selva Fonseca, “[...] professores e alunos superaram a condição de meros expectadores, receptáculos de um saber produzido em outras

esferas e assumem o trabalho pedagógico como reflexão, como pesquisa”.¹ O que se buscou com estas novas propostas foi a superação da ideia que seria possível alcançar meios satisfatórios de aprendizagem graças a elaboração de métodos eficientes e de professores capazes de transmiti-los em sala de aula.

Dentro desta perspectiva de ensino, acreditava-se que o professor dotado de um bom método era suficiente para fazer com que os alunos aprendessem História: “[...] a ênfase é na formação de um professor qualificado, competente, que domine conteúdos, metodologias e que saiba fazer”.² Essa concepção de ensino percebia o professor como figura que deveria dominar conteúdos e técnicas eficazes de ensino, sendo considerado apenas como “um instrumento de transmissão de saberes produzidos por outros”.³

A partir deste ponto de vista o papel dos alunos era limitado a “[...] condição de receptáculos de informações, conteúdos, currículos, livros e materiais didáticos”.⁴ Os alunos não eram percebidos como portadores de ideias históricas e, portanto não assumiam posição ativa na construção do saber em sala de aula. Em consonância com esta perspectiva de aprendizagem os bons alunos eram aqueles capazes de absorver passivamente o que era dito em sala pelo professor.

No entanto, a sala de aula deixou de ser considerada “[...] apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos”.⁵ De acordo com os debates recentes em torno do ensino, a sala de aula é vista como um local de produção de conhecimento. O saber deixa de ser visto como algo alheio à realidade escolar e propalado de forma simplificada visando à transmissão de um conhecimento pronto e acabado, pois os professores e alunos passam a ser considerados sujeitos no processo de aprendizagem.

Atualmente as pesquisas que se debruçam sobre o ensino de História se voltam para os alunos, considerando suas aptidões, interesses e limitações como fundamentais para a aprendizagem histórica. Por aprendizado histórico entende-se

¹ FONSECA, G. Selva. *Caminhos da história ensinada*. Campinas, SP: Papyrus, 1993. p.90.

² FONSECA, G. Selva; ZAMBONI, Ernesta. *Espaços de formação do professor de história*. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p.116.

³ MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Mauad Editora Ltda, 2007. p.13.

⁴ SCHIMDT, M. Auxiliadora. A Formação do professor de História e o cotidiano em sala de aula. In. BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 56.

⁵ *Idem*, p.57.

“[...] o processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e desenvolvem”.⁶ Dentro desta proposta, a eficácia da aprendizagem histórica ocorre quando o aluno é capaz de vincular a experiência do tempo a sua própria subjetividade dotando-a de significância e usos para sua vida prática. Apenas quando a História deixa de ser ensinada como um emaranhado de informações que devem ser absorvidas e passa a ser considerada uma atividade fruto de levantamento de hipóteses e respostas possíveis a História poderá ser apropriada pelos alunos de forma significativa e se tornar fator de orientação da vida prática.

Em consonância com este pensamento surgem campos de pesquisas que se preocupam em investigar a escola e os seus sujeitos enquanto produtores de conhecimento. Um destes campos é denominado de Educação Histórica, que consiste em uma “[...] área de investigação centrada nas questões relacionadas à cognição e metacognição histórica, tendo como fundamento principal a própria epistemologia da História”.⁷ Outros aspectos abarcados por esta área voltam-se para as questões relacionadas à aprendizagem histórica, consciência histórica e as narrativas históricas.

Neste sentido, este trabalho propõe a utilização do jornal *La Provincia di Bolzano* em sala de aula para trabalhar com os alunos o conceito de evidência permitindo a participação ativa destes no processo de aprendizagem. É fundamental salientar que o jornal será trabalhado enquanto fonte histórica, ou seja, os alunos serão instigados a investigar acerca do seu contexto de produção, autoria, intencionalidades, e usos, o que permitirá aos alunos pensar historicamente e refutar informações e ideias propaladas sem a devida análise.

As fontes, a partir do momento que são interrogadas com o intuito de responder a questões relativas aos objetivos propostos pelo professor, se tornam ferramentas úteis para a construção do conhecimento histórico na sala de aula, pois revelam evidências do passado a partir do presente. Segundo Ashby, “[...] a

⁶ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2010. p. 43.

⁷ CAINELLI, Marlene; OLIVEIRA, F. R. Sandra. *A relação entre o aprendizado histórico e formação histórica no processo de ensinar história para crianças*. In: CAINELLI, M; SCHMIDT, M. A. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p.127.

evidência histórica existe quando uma afirmação ou hipótese histórica fundamenta-se em vestígios ou fontes plausíveis em relação a determinado tema histórico”.⁸

Conforme Lee, o uso de evidências na sala de aula auxilia na compreensão da disciplina História, mas com algumas ressalvas, pois:

Só quando as crianças compreendem os vestígios do passado como evidência no seu mais profundo sentido – ou seja, como algo que deve ser tratado não como mera informação, mas como algo de onde se possam retirar respostas a questões que nunca se pensou colocar – é que a história se alicerça razoavelmente nas mentes dos alunos enquanto atividade com algumas hipóteses de sucesso.⁹

Desta forma, as evidências não devem ser percebidas como mera ilustração, mas devem estimular questionamentos a respeito do contexto social que as produziu, da sua autoria, das suas intencionalidades e das suas finalidades. Conforme, Abud:

A produção cultural, que se expressa por meio de diferentes linguagens, transforma-se em evidência quando, de material original, isto é, de produção não-intencional para finalidades pedagógicas, passa a ser um instrumento para o desenvolvimento de conceitos na aula de história.¹⁰

O jornal, além de possibilitar o levantamento de evidências, permite o contato entre o contexto social vivido pelas pessoas durante o regime fascista e os alunos. Segundo Lee, o uso de fontes em sala de aula permite o desenvolvimento da empatia histórica nos alunos “ [...] entendida como uma realização – algo que acontece quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais seus objetivos,

⁸ SOBANSKI, Adriande de Quadros, CHAVES, Edilson Aparecido, BERTOLINI, João Luis da Silva e FRONZA, Marcelo. *Ensinar e Aprender História: Histórias em Quadrinhos e Canções*. Curitiba: Base Editorial, 2010. p.40.

⁹ LEE, Peter. Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In. BARCA, Isabel. *Educação histórica e museus. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Lusografe, 2003. p.25.

¹⁰ ABUD, Kátia Maria. *Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história*. **Caderno Cedes, Campinas**, v. 25, n. 67, p. 309-317, 2005. p.312.

como entenderam aquela situação e se conectamos tudo isto com o que os agentes fizeram”.¹¹ O jornal fascista *La Provincia di Bolzano*, enquanto reflexo plausível do vivido da comunidade de Bolzano sob o fascismo, torna-se ferramenta para formação de empatia nos alunos por os colocarem em contato com as tramas cotidianas relatadas pelo jornal.

A partir destes pressupostos buscar-se-á trabalhar com alunos do Ensino Médio de dois colégios estaduais da cidade de Guarapuava/Pr, com o intuito de analisar como se dá a construção e aplicação do pensamento histórico nos alunos por meio da fonte histórica o jornal fascista italiano *La Provincia di Bolzano*.¹² Desta forma, a partir da problematização do jornal fascista *La Provincia di Bolzano* serão trabalhados o conteúdo substantivo fascismo e os conceitos de segunda ordem evidência e empatia.

A escolha do fascismo como tema a ser abordado a partir de um jornal, decorre de uma pesquisa anterior de Iniciação Científica que teve como objetivo a análise da construção da narrativa sobre o fascismo nos livros didáticos. A partir desta pesquisa, foi possível afirmar que o tema é ainda tratado como um evento político e econômico fixo no passado, e que as questões relativas aos aspectos sociais e culturais eram ausentes ou quase inexistentes nos materiais didáticos analisados. A utilização do jornal para a realização deste projeto possibilita apontar para aspectos que envolviam o cotidiano dos italianos que viveram sob o fascismo, ainda pouco abordados pela historiografia tradicional, e suas possíveis ligações com temas atuais na sociedade.

Segundo Faria, “[...] levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. [...] Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo”.¹³ A utilização do jornal *La Provincia di Bolzano* em sala de aula visa possibilitar o estabelecimento de laços entre a escola e uma sociedade que apesar de afastada no tempo pode se aproximar da vivência dos alunos através da empatia histórica suscitada pela evidência, fundamental para a compreensão da História.

¹¹ LEE, 2003, p.20.

¹² Este material faz parte do meu acervo pessoal. Toda tradução do material em italiano utilizado para realização deste projeto será tradução livre do autor.

¹³ FARIA, M. A. de Oliveira. *Como usar o jornal na sala de aula*. 4 ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

A preocupação em procurar estabelecer ligações entre o presente e o passado por meio do jornal decorre do objetivo de proporcionar uma aprendizagem significativa para os alunos deslocando a concepção de História de um saber ligado ao passado e acabado para a concepção de um saber vital para a orientação da vida prática dos alunos. Temas como o renascimento das extremas direitas, a intolerância à diversidade e o preconceito poderiam ser abordados para demonstrar a atualidade deste movimento e suas relações na vida dos alunos.

O uso de fontes em sala de aula não é algo inédito entre as pesquisas realizadas por historiadores voltados para o ensino de História. Muitos trabalhos se concentram sobre quais métodos e práticas devem ser respeitadas para utilizar esse material em sala de aula, ou sobre o porquê utilizá-lo ou qual a sua relevância para a produção do conhecimento histórico.

A peculiaridade da presente proposta versa no objetivo proposto: o escopo não é desenvolver uma nova metodologia sobre a utilização do jornal em sala de aula, mas categorização das narrativas produzidas pelos alunos a partir da utilização do jornal *La Provincia di Bolzano* em sala de aula.

“La Provincia di Bolzano” em sala de aula

A proposta de trabalhar o jornal *La Provincia di Bolzano* como fonte em sala não se limita a aquisição cumulativa de conhecimento substantivo acerca do fascismo. A proposta é analisar de que forma é possível desenvolver a aprendizagem histórica a partir de conceitos metahistóricos como narrativa histórica, evidência e empatia histórica.

Para Rüsen, a narrativa histórica é a forma pela qual a consciência histórica organiza a experiência do tempo; seria a habilidade de dar sentido ao passado através da competência narrativa. Conforme Gago, a competência narrativa é “a capacidade de narrar uma narrativa pelos sentidos/significados, através dos quais e com os quais se dá à vida prática um *locus* orientacional de tempo”.¹⁴

¹⁴ GAGO, Marília. “Uso (s)” e “unitidade (s)” da narrativa histórica na aula: Um olhar de professores acerca da aprendizagem dos alunos. In. SCHIMDT, M. Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. p.181.

Esta pesquisa se volta para a categorização das narrativas dos alunos por acreditar que as narrativas são artefatos do pensamento histórico e, portanto instrumentos centrais para se pensar a aprendizagem histórica. Sendo assim, através do estudo das narrativas produzidas pelos alunos é possível identificar modelos normativos da consciência histórica necessários para compreensão dos processos de aprendizagem histórica.

Para a realização desta pesquisa, já foi realizado contato prévio com dois professores de História de duas Escolas Estaduais de Guarapuava/PR, que disponibilizaram sete aulas em quatro turmas do Ensino Médio. A primeira fase da pesquisa consistirá em observações passivas em sala de aula. O objetivo será aquele de acompanhar as aulas relativas à temática fascismo para em um segundo momento identificar quais as narrativas, falas ou fontes os alunos escolheram como mais relevantes para formar a sua própria narrativa sobre o tema no momento da avaliação.

Posteriormente, os alunos serão estimulados a mobilizarem os conhecimentos prévios que têm acerca do fascismo mediante um questionário. O fato de se conhecer as idéias tácitas dos alunos permite organizar as tarefas necessárias para estimular o contato entre as idéias prévias com o conhecimento científico. Somente após o mapeamento dos conhecimentos prévios dos alunos será possível desenvolver uma seqüência didática com o intuito de ir além do que eles já conhecem. A seqüência didática “tem o papel de auxiliar o professor a organizar o trabalho na sala de aula de forma gradual, partindo de níveis de conhecimento que os alunos já dominam para chegar aos níveis que eles precisam alcançar”.¹⁵

Segundo Cerri, “[...] o aprendizado, por sua vez, é um ato de colocar saberes novos em relação com saberes anteriores”.¹⁶ Sendo assim, incentivar esta relação possibilita o ato de criação do conhecimento por parte dos alunos que irão gestar os novos saberes históricos que lhes serão apresentados de forma significativa com a sua bagagem precedente.

¹⁵ FERREIRA, Mariluci Melo; CAIMI, Flávia Eloisa; BARICHELLO, Sandra Mara. *Representações de Alunos de 8ª Série sobre o Conceito de Nazismo*, 2011. p.05.

¹⁶ CERRI, L. Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p.69.

Em um terceiro momento será feita uma interação entre as idéias tácitas dos alunos e os conhecimentos científicos resultantes da análise e problematização do jornal *La Provincia di Bolzano*. O uso da evidência histórica é fundamental para se pensar o ensino de História, pois permite aos alunos a compreensão da investigação histórica e assim a reconstrução de eventos do passado por meio das fontes. A partir de perguntas e levantamentos de hipóteses plausíveis o aluno será levado a problematizar além das informações dadas pelo jornal, questões referentes ao seu contexto de produção, autoria, público alvo e intencionalidades.

O outro aspecto que será desenvolvido a partir do jornal é a empatia histórica. Conforme Peter Lee, ela é fundamental para que os alunos compreendam porque as pessoas no passado pensaram e agiram de uma determinada maneira. Neste sentido, o uso da evidência, possibilita a ligação entre “[...] o passado e interpretação que dele é feita no esforço de o conhecer”.¹⁷ O uso de trechos do jornal tem como escopo possibilitar a investigação sobre as formas como o fascismo foi colocado em ação na região de Bolzano e o que significou para aquelas pessoas viverem sob o regime.

Entretanto, quando se fala de empatia histórica não se espera que os alunos pensem e sintam exatamente o que os habitantes da cidade de Bolzano sentiram. De acordo com Clarisse Ferreira,

Empatizar historicamente é compreender os motivos e explicar as acções dos homens no passado, de modo a torná-las inteligíveis às mentes contemporâneas. Tal implica um amplo conhecimento do respectivo contexto histórico e a interpretação da evidencia histórica diversificada e / ou contempladora de diferentes perspectivas, estando também vinculado o uso da imaginação histórica.¹⁸

¹⁷ SIMÃO, A. Catarina. A construção de evidência histórica: concepções de alunos do 3.º ciclo secundário. In. **Actas das 7.as Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: Minhografe- Artes Gráficas, 2008. p.75.

¹⁸ FERREIRA, Clarisse. O papel da empatia histórica na compreensão do outro. In. BARCA, Isabel; SCHMIDT, M. Auxiliadora. *Educação Histórica: Investigação em Portugal e no Brasil*. Actas das quintas jornadas internacionais de Educação Histórica, 2009. p.117.

Sendo assim, a empatia histórica mais do que compartilhamento dos mesmos sentimentos das pessoas do passado significa compreender dadas práticas considerando o contexto na qual se inseriram.

Finalmente, após trabalhar a seqüência didática em sala de aula os alunos serão solicitados a produzirem uma narrativa sobre o que foi trabalhado. Esta última fase será uma avaliação, que consiste em verificar os níveis de explicação histórica contida nas narrativas produzida pelos alunos. Segundo Gago, “[...] estes momentos de avaliação visam compreender o pensamento do estudante que evolui de um conhecimento informal para um conhecimento formal- científico”.¹⁹

A categorização das narrativas seguirá como referencial teórico as tipologias de consciência histórica formuladas por Rüsen. Conforme o autor, o sujeito, foco da aprendizagem, aprende História quando desenvolve uma narrativa capaz de dar sentido a experiência histórica. Para Rüsen,

o ensino de história deve tematizar a teoria da história para explicar a linha constitutiva da narração na consciência histórica, como uma aprendizagem construtiva e relacionada às ações de situações específicas da aprendizagem na área da educação, socialização e formação.²⁰

A categorização das narrativas tem como finalidade compreender de que forma se dá a construção e a aplicação do pensamento histórico nos alunos. Pois, acredita-se que a “história não é o estudo do passado, nem como ciência nem como ensino. A história é um nexos significativo entre passado, presente e futuro”.²¹

Considerações Finais

Esta pesquisa se encontra em fase inicial e portanto não é possível discutir sobre os possíveis resultados. No entanto, com esta pesquisa espera-se superar as dificuldades específicas ligadas ao ensino de história, aproximar os alunos do

¹⁹ GAGO, 2009, p.177.

²⁰ RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem Histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A editores, 2012. p.50.

²¹ CERRI, 2011, p. 120.

processo de construção do saber histórico através de fontes históricas possibilitando uma compreensão mais concreta acerca da História. Sabe-se que não existe uma metodologia única e eficiente para que ocorra uma aprendizagem de qualidade. Espera-se com esta pesquisa poder explicitar e pensar as possibilidades necessárias para que as aulas se tornem realmente um lugar de interação dialógica que possibilite o desenvolvimento de uma consciência genético-crítica que comporta a autonomia dos alunos como cidadãos conscientes do seu papel de sujeitos históricos na sociedade.

Referências

ABUD, Kátia Maria. *Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história*. **Caderno Cedes, Campinas**, v. 25, n. 67, p. 309-317, 2005.

CAINELLI, Marlene; OLIVEIRA, F. R. Sandra. *A relação entre o aprendizado histórico e formação histórica no processo de ensinar história para crianças*. In: CAINELLI, M; SCHIMDT, M. A. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CERRI, L. Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FARIA, M. A. de Oliveira. *Como usar o jornal na sala de aula*. 4 ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRA, Clarisse. O papel da empatia histórica na compreensão do outro. In: BARCA, Isabel; SCHMIDT, M. Auxiliadora. *Educação Histórica: Investigação em*

Portugal e no Brasil. Actas das quintas jornadas internacionais de Educação Histórica, 2009.

FERREIRA, Mariluci Melo; CAIMI, Flávia Eloisa; BARICHELLO, Sandra Mara. *Representações de Alunos de 8ª Série sobre o Conceito de Nazismo*, 2011.

FONSECA, G. Selva. *Caminhos da história ensinada*. Campinas, SP: Papirus, 1993.

GAGO, Marília. “Uso (s)” e “unitidade (s)” da narrativa histórica na aula: Um olhar de professores acerca da aprendizagem dos alunos. In. SCHIMDT, M. Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

LEE, Peter. Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In. BARCA, Isabel. *Educação histórica e museus. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Lusografe, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Mauad Editora Ltda, 2007.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem Histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A editores, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora . A Formação do professor de História e o cotidiano em sala de aula. In. BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2010.

SIMÃO, A. Catarina. A construção de evidência histórica: concepções de alunos do 3.º ciclo secundário. In. **Actas das 7.as Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: Minhografe- Artes Gráficas, 2008.

SOBANSKI, Adriande de Quadros, CHAVES, Edilson Aparecido, BERTOLINI, João Luis da Silva e FRONZA, Marcelo. *Ensinar e Aprender História: Histórias em Quadrinhos e Canções*. Curitiba: Base Editorial, 2010.